

nos países árabes, etc. Desde que a vítima o seja devido aos sionistas ou aos americanos então vale a pena exortar. Tudo o resto é marginal.

Existe ao longo de toda a obra a preocupação constante de mostrar os males que invadem a nossa sociedade. O autor enche-nos de exemplos e notas de rodapé, mas ao incluir uma espécie de quadros síntese no final de cada capítulo, que por vezes nada têm a ver com o mesmo, acaba por sintetizar alguns conceitos abordados, permitindo uma fácil e rápida leitura deste livro.

Contudo, a obra não está alheia a críticas. O facto de afirmar que a democracia resulta de uma lenta maturação, pode sugerir a impossibilidade de esta ser imposta pela força. Outra afirmação, é a de que os regimes democráticos nos países árabes se desenvolvem a partir do Islão e não pela negação deste. Enfim, se no Japão e na Alemanha a democracia foi imposta pela força após a Segunda Guerra Mundial, nos países muçulmanos onde ocorreram intervenções estrangeiras, Iraque e Afeganistão, não nos parece que os preceitos Islâmicos tenham sido confiscados ou negados à população. O autor conclui que as democracias devem respeitar os direitos humanos e, sobretudo, transmitir a responsabilidade dos actos e o espírito

de análise interna a esses países cujos regimes têm implicações negativas sobre as suas sociedades, em particular, e o mundo, em geral. O problema está em saber se, mesmo realizada essa transmissão, a lição fica aprendida. Um dos melhores exemplos referidos é o da passagem ao estado pós-colonialista em que se define a União Indiana. Os altos índices económicos que se têm verificado na Índia permitem-lhe ser um bom exemplo para o desenvolvimento dos países subdesenvolvidos. Talvez as antigas colónias europeias necessitem de reconhecer que precisam de ultrapassar a condição pós-colonial de que continuam a usufruir.

Embora acabe por não satisfazer totalmente nas suas conclusões, o autor tem a virtude de exortar que os europeus devem defender a liberdade, como o seu bem mais precioso, e para isso necessitam de a transmitir, desde cedo, às crianças nas escolas. Esta é uma daquelas obras que merece uma tradução para o português, pois a sua actualidade permite uma leitura que não se limita ao caso francês mas a todo o espectro da Europa ocidental.

* MESTRANDO DO INSTITUTO DE ESTUDOS POLÍTICOS DA UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA

POR HUGO CHELO *

Reflexões sobre a Vida de Aristóteles

Aristóteles é, incontestavelmente, um dos maiores vultos do pensamento ocidental.

O crescente interesse pela obra do filósofo de Estagira nos nossos círculos universitários é um facto indementível e que se atesta de modo inequívoco pela voracidade com que se traduzem de alguns anos para cá, dos originais gregos, um número apreciável de obras. Atente-se como, em menos de dez anos, várias editoras põem em circulação a *Política*, edição bilingue da editora Vega (1998); a *Constituição dos Atenenses*, Fundação Calouste Gulbenkian, (2003); a *Ética a Nicómaco*, Quetzal Editores, (2004), a *Ética a Eudemo*, *Tribuna da História*, (2005). Em 2005 sai a *Introdução Geral*, primeiro volume das Obras Completas de Aristóteles em curso de edição pelo Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, com a chancela da Imprensa Nacional Casa da Moeda. Esta Introdução sai

a par, no mesmo mês e no âmbito da mesma colecção, d'*Os Económicos* e de uma segunda edição revista da *Retórica* (que, desde Outubro de 2006, já vai na terceira edição). Por fim, em Janeiro de 2006, publica-se mais um volume das Obras Completas, a *História dos Animais, Livros I-VI*. Na medida do possível, a *Revista Nova Cidadania* tem sabido fazer eco deste esforço apreciável, e sem precedentes, de vários sectores da academia portuguesa.

Deste modo, a publicação de *A Vida de Aristóteles*, por António Pedro Mesquita, constitui-se como mais um contributo que aquiesce a uma curiosidade que, a pouco e pouco, vai inundando o público leitor.

Não sendo um texto original, já que reproduz uma ampla secção do livro *Introdução Geral das Obras Completas de Aristóteles*, é, apesar disso, uma excelente ideia editorial. Esta republicação, sob o cunho da Sílabo, procura manifestamente tornar acessível a um público mais vasto partes de uma obra que, pela inserção numa edição mais volumosa e vocacionado para um público mais especializado, afasta o leitor moderada e medianamente interessado. A mesma ideia parece presidir ao novo arranjo das sub-secções. Aqui o leitor é imediatamente convidado a percorrer as várias etapas da narrativa biográfica da vida do fi-

lósofo estagirita. Só em seguida se vê embarcado nos detalhes mais técnicos da descrição e discussão crítica das fontes utilizadas. Por fim, depara-se com uma reunião de Apêndices que, na sua grande maioria, servem de apoio à leitura da biografia. Não se inscrevendo directamente neste último propósito referido, somos, contudo, obrigados a realçar o magnífico trabalho desenvolvido no Apêndice 8, onde se apresenta um quadro ilustrativo de datações propostas por eminentes investigadores helenistas para as obras de Aristóteles. Trata-se de uma sinopse muito bem organizada e de extrema utilidade para a pretensão mais apurada do pesquisador mais empenhado.

Percorrendo as várias etapas da biografia de Aristóteles, o leitor é conduzido através dos poucos factos bem estabelecidos sobre a sua família de nascimento e infância. É convidado a deparar-se com a sua chegada a Atenas e a reflectir sobre os contactos com a Academia e Platão, envoltos numa névoa de dificuldades; a encarar-se com a sua fuga de Atenas, aquando da emergência do partido anti-macedónio, em 247 a.C, e com a sua eleição para preceptor de Alexandre; a enfrentar-se com as obscuridades das relações com Herpílis (segunda esposa de Aristóteles) e que assaltam, de igual modo, os dados historiográficos sobre Nicómaco (filho varão de Aristóteles).

Embora não seja uma novidade completa nos estudos aristotélicos, é deveras interessante a negação categórica da responsabilidade de Aristóteles pela fundação do Liceu, enquanto escola institucionalizada, ou seja, enquanto estabelecimento de ensino e sucessão material e espiritual. Seguindo de perto a análise de Düring sobre as fontes biográficas antigas, o autor opta por distinguir entre o Liceu enquanto “circulo de investigadores motivados por interesses comuns, entretidos em indagações idênticas, cruzadas ou paralelas e relacionados pela permuta recíproca de experiências, ideias e conclusões, que naquele local [ginásio conhecido como Liceu, dedicado a Apolo] se reuniam para apreciar e discutir os resultados das suas pesquisas...” e o Liceu enquanto escola institucionalizada. Aristóteles será o impulsor do primeiro, Teofrasto o criador do segundo. Talvez neste aspecto os argumentos de Gauthier merecessem mais do que uma breve referência em nota de pé de página. Justificar-se-ia uma exposição mais

detalhada no sentido de realizar a confrontação com um dos “sucessores” da posição tradicional.

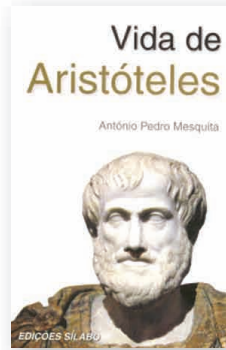
Por fim, o leitor é reenviado para o segundo exílio e os últimos momentos da vida de Aristóteles, introduzidos por uma breve referência ao papel na Macedónia no *modus vivendi* helénico e ao fim da vida de Alexandre.

Nestas páginas, o autor procura salientar a sobejamente referenciada “ruptura cultural e mudança de paradigma espiritual” que assistiu aos últimos dias da vida de Aristóteles. Também por isto, este capítulo sexto vê-se redigido num tom de reflexão final, muito menos apoiado, do que os anteriores, pelo aparato de referências bibliográficas a que o autor já nos tinha habituado.

Numa apreciação geral, desejaríamos reforçar a ideia de que estamos perante um trabalho de notável qualidade, quer no que se refere à reunião e dotação de fontes, material biográfico e reflexão crítica.

Precisamente por isto, o equilíbrio entre a intenção de realizar uma “narrativa biográfica” e uma conformação estrita aos dados que actualmente se podem considerar fidedignos vê-se por vezes afectado. A necessidade de quebrar o ritmo narrativo para anotar e discutir as informações mais controversas, assinalar polémicas, ambiguidades e incertezas acaba por marcar indelevelmente a estrutura do texto.

Dito isto, temos de fazer justiça, de imediato, ao autor. Logo à partida, este realça que a narrativa biográfica não se desenvolve segundo “uma relação romanceada, ou sequer distanciada dos factos disponíveis”. Por tudo isto, trata-se de um livro que irá necessariamente desapontar os leitores ávidos de biografias que misturam indiscriminadamente dados biográficos advenientes de um trabalho historiográfico rigoroso, factos controversos e especulações infundadas às quais se adiciona, inúmeras vezes, a imaginação criativa do escritor. Mas isto é, de igual modo, um argumento que deve funcionar como um convite e exortação ao leitor de romances históricos, no sentido de se acercar deste livro. Ao menos para se consciencializar dos limites da sua “cultura histórica”, sendo como é, na maioria dos casos, auferida exclusivamente a partir de obras que tudo deixam a desejar em termos de rigor histórico.



**António
Pedro Mesquita**
Vida de Aristóteles
Lisboa, Silabo
2006

*Estamos perante
um trabalho de
notável qualida-
de, quer no que se
refere à reunião e
dotação de fontes,
material biográfico
e reflexão crítica*

* DOCENTE DA FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DOUTORANDO DO INSTITUTO DE ESTUDO POLÍTICOS DA UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA